

O CONHECIMENTO DOS ESCOLARES ADOLESCENTES SOBRE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS/AIDS

THE KNOWLEDGE OF THE SCHOOL ADOLESCENTS ABOUT SEXUALLY TRANSMITTED DISEASES/AIDS
EL CONOCIMIENTO DE LOS ADOLESCENTES ESCOLARES SOBRE ENFERMEDADES DE TRANSMISIÓN SEXUAL/SIDA.

Elisângela de Souza Marques¹, Dione Alves Mendes¹, Nicolly Helen Morais Tornis¹, Carmen Luci Rodrigues Lopes², Maria Alves Barbosa³

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi verificar o conhecimento do escolar adolescente de uma escola pública de Goiânia-Goiás sobre as DST/AIDS. O estudo caracteriza-se como descritivo e foi realizado no período de janeiro a outubro de 2003, com alunos de 7^a e 8^a séries do ensino fundamental e 2^a e 3^a séries do ensino médio, da referida escola. Os dados foram coletados por meio de questionário estruturado. Dos 113 participantes, 46% eram do sexo masculino e 54% do sexo feminino, a idade variou entre 12 e 19 anos, 15% informaram já ter praticado relação sexual. Observou-se que, apesar de 90,43% dos estudantes terem relatado informações prévias sobre o assunto, quando interrogados quanto ao conhecimento sobre as DST/AIDS, muitos deles responderam incorretamente. Desta forma, sugere-se a implementação efetiva de programas educativos sobre o tema em todas as escolas do ensino fundamental e médio.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem em Saúde Pública; Saúde do Adolescente; Doenças Sexualmente Transmissíveis.

ABSTRACT. The purpose of this research was to verify the knowledge of the school adolescents, of a public school in Goiânia – Goiás, about STD/Aids. The research is characterized as descriptive and was made from 2003 January to October, with students of the related school 7th and 8th classes' and 2nd and 3rd high school classes. The data had been collected by structuralized questionnaire. The research had evaluated 113 students and 46% of them were male and 54% were female. The age goes to 12 to 19 years old. 15% of the students told that they already had sexual relations. It was observed that, although 90,43% of the students have showed previous knowledge of the subject, when they were asked about how much they knew about DST/AIDS, many of them had answered incorrectly. The research suggests an effective implementation of educative programs about the theme in all the schools and school levels.

KEYWORDS: Public Health Nursing; Teen Health; Sexually Transmitted Diseases.

RESUMEN. El objetivo de esta pesquisa fue verificar el conocimiento del escolar adolescente, de una escuela pública de Goiânia-Goiás, sobre las Enfermedades de Transmisión Sexual/SIDA. La pesquisa se caracterizó como descriptiva y fue realizado en el periodo de enero a octubre de 2003, con alumnos de 7^a y 8^a series de la enseñanza primaria y 2^a y 3^a series del bachiller, de la referida escuela. Los datos fueron colectados por medio de cuestionario estructurado. De los 113 participantes, 46% eran do sexo masculino y 54% do sexo femenino, la edad varió entre 12 y 19 años, 15% informaron que ya han tenido relación sexual. Se observó que a pesar de 90,43% de los estudiantes hubiera relatado informaciones previas sobre el asunto, cuando interrogados quanto al conocimiento sobre as las enfermedades sexualmente transmisibles/CIDA, muchos de ellos respondieron incorrectamente. De esta manera, se sugiere la implementación efectiva de programas educativos sobre el tema en todas las escuelas de la enseñanza primaria y bachillerato.

PALABRAS-CLAVE: Enfermería en Salud Pública; Salud de los Adolescentes; Enfermedades de Transmisión Sexual.

¹ Enfermeiro. Graduado pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil.

² Enfermeira. Mestre em Epidemiologia. Professora Assistente da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Goiânia – Goiás, Brasil. E-mail: <mailto:clopes@fen.ufg.br>

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Goiânia – Goiás, Brasil. E-mail: <mailto:maria.barbosa@gmail.com>

INTRODUÇÃO

A adolescência é um momento especial da vida humana e é concebida como um período de transição entre a infância e a vida adulta. Este período é caracterizado por importantes modificações bio-psico-sociais (ABEASTURY & KNOBEL, 1992).

De acordo com o BRASIL (1998), os adolescentes estão cada vez mais cedo se deparando com novos valores comportamentais, relacionados com a afetividade e a vida sexual. Além de experimentarem rápidas mudanças em seus corpos, sentimentos e relações com a sociedade, também passam a se tornar responsáveis por sua saúde e bem-estar. De uma maneira geral, os jovens estão em busca de uma identidade, entretanto, a insegurança, a influência dos meios de comunicação e as fantasias que se deparam no início da prática sexual, associados com a pouca percepção de risco e limitada informação que têm sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis (DST), colocam na condição de presa fácil das mais diferentes situações de risco como, o uso de drogas, gravidez precoce e indesejada, violência, DST/AIDS, evasão escolar e outros (FERREIRA et al., 2000; OSELKA, 2002).

As DST e a AIDS, marcam os tempos atuais, exigindo dos educadores uma postura inovadora, suscitando a participação, o diálogo aberto e franco, com meios didáticos adequados suficientes para favorecer o processo de ensino-aprendizagem no trabalho pedagógico e científico destas questões com a população em geral e, em particular, com a criança e o adolescente.

Desenvolver ações de prevenção voltadas para os jovens é uma prioridade para o controle de doenças, e a compreensão do contexto é fundamental no planejamento de intervenções educacionais para o alcance dessas práticas e, por isso, está intimamente relacionado à questão da vulnerabilidade, que não se restringe a comportamentos de riscos individuais, mas também aos fatores políticos e econômicos.

Percebe-se que, mesmo sendo a informação parte importante na educação sobre sexualidade e prevenção das DST/AIDS, a disseminação do conhecimento para promover o sexo seguro e sadio continua sendo ignorado e não tem conseguido provocar a mudança de comportamento desejada entre os jovens. Portanto, este trabalho teve como objetivos: verificar o conhecimento dos escolares adolescentes sobre DST/AIDS, e contribuir efetivamente com o planejamento da orientação e manutenção da saúde dos mesmos.

METODOLOGIA

De acordo com o objeto de investigação proposto, foi realizado um estudo descritivo com abordagem quali-quantitativa em uma escola pública, localizada na Região Leste, Setor Universitário, Goiânia-Goiás, no período de janeiro a outubro de 2003. A população foi constituída por 113 alunos, sendo estes da 7ª e 8ª série do ensino fundamental e 2ª e 3ª série do ensino médio do turno matutino. A idade dos participantes variou entre 12 e 19 anos.

Os dados foram coletados através de questionário contendo perguntas abertas e fechadas, o qual foi previamente validado quanto ao seu conteúdo, pertinência e objetivos. Para participar do estudo, o aluno deveria estar devidamente matriculado no período matutino nas referidas séries, sendo excluídos os que não estavam presentes no momento da aplicação do questionário.

Na realização desta pesquisa foram respeitados os preceitos éticos legais baseados na Resolução CNS-196/96. O projeto da mesma foi enviado à direção da escola, recebendo autorização para sua realização, assim como, apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa Humana do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás.

Os dados coletados foram analisados qualitativa e quantitativa e os resultados foram apresentados em gráficos e tabelas e de forma descritiva de acordo com a percepção e opinião dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após sistematização das informações, verificou-se que a maioria dos escolares era do sexo feminino (54%), cursava a 8ª série e o 2º ano (54%) e a faixa etária variou entre 12 e 19 anos, sendo a média de idade de 15 anos (Tabela 1).

Com relação à prática sexual, a maioria dos escolares (65%), não mencionou opinião sobre esta questão, e dos que opinaram, 20% disseram que já haviam experimentado relações sexuais, enquanto 15%, relataram que não tinham vivenciado esta prática.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, grande parte dos adolescentes torna-se sexualmente ativos antes dos 20 anos e a capacidade reprodutiva tem início mais cedo, com uma maior exposição à gravidez na adolescência (BRASIL, 2003). Neste estudo, a idade de início da prática sexual, variou de 12 a 19 anos, sendo a média de idade de 14 anos. TRAJMAN et al. (2003) e BELO et al., 2004 verificaram em estudo realizado que a média de idade da primeira relação sexual foi de 15 e 16 anos respectivamente.

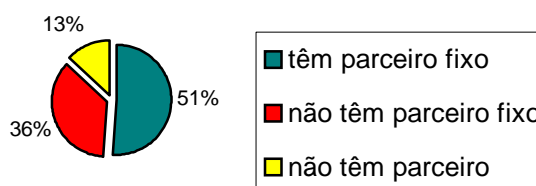
Tabela 1 - Características dos adolescentes quanto ao sexo, faixa etária e escolaridade. Goiânia, 2003.

Característica	F	%
Sexo		
Masculino	52	46
Feminino	61	54
Idade		
12 a 15	55	49
16 a 19	58	51
Série		
7 ^a	26	23
8 ^a	31	27
2 ^a	30	27
3 ^a	26	23

O início precoce das relações sexuais é preocupante, porque na maioria das vezes a adolescente não está preparada para o exercício da sexualidade, expondo-se à gravidez e DST/AIDS. A precocidade cada vez mais observada no início das relações sexuais é fruto, muitas vezes, da empolgação e do momento. E esse comportamento nem sempre vem acompanhado de informações sobre o funcionamento do próprio corpo, sobre os métodos anticoncepcionais ou sobre o uso correto desses métodos (FERREIRA et al., 2000).

Verificou-se que dos adolescentes que informaram a prática de relação sexual, a maioria (51%) refere ter parceiro fixo, enquanto 36% relataram possuir diversos parceiros e 13% não possuíam parceiro no momento da pesquisa (Gráfico 1). O dado encontrado em relação ao parceiro fixo foi inferior quando comparado ao do estudo de FERREIRA et al. (2000), realizado com 36 adolescentes.

Gráfico 1- Porcentagem relacionada a parceiros fixos ou não dos escolares adolescentes entrevistados. Goiânia, 2003.



A maioria dos entrevistados (92,03%) relatou ter recebido algum tipo de informação sobre DST, e as fontes de informações citadas foram: revistas, jornais, livros, internet e outros (pais, família, palestras, amigos e TV). Estudos de FERREIRA et al., 2000 e SILVA et al., 2003 também encontraram resultados semelhantes. Conforme a Organização Mundial de Saúde, o acesso à informação nem sempre é fácil e poucos são os que sabem antes da "primeira vez" o que é planejamento familiar ou métodos contraceptivos (BRASIL, 2003).

Verifica-se nos depoimentos abaixo, o conhecimento dos escolares sobre as DST:

"se não tomamos cuidado podemos nos contaminar e até morrer" (7^a série);

"horível por isso é melhor se proteger" (7^a série);

"nada" (7^a série);

"é uma doença transmitida pela Aids" (7^a série);

"sei o bastante para saber que todas são muito perigosas" (8^a série);

"que elas são transmitidas através do sexo e também que é muito fácil de pegar, mas é difícil para sair" (8^a série);

"são doenças causadas pela falta de cuidado como não usar camisinha" (8^a série);

"são doenças que devem ter um cuidado especial" (2^o ano);

"que são transmitidas através da relação sexual, ou sangue contaminado etc" (2^o ano);

"monte de cois" (2^o ano);

"o básico" (3º ano);
"o que aprendi nos livros, internet, é que podemos prevenir usando camisinha" (3º ano);
"que não é uma coisa boa" (3º ano);
"é uma doença transmitida no ato sexual" (3º ano).

Observa-se pelas afirmações dos entrevistados, que é restrito o grau de conhecimento que têm sobre as DST. Nota-se que a maioria deles associa estas doenças ao ato sexual, e não relata outros meios de contaminação. Outros estudos corroboram com este, pois também mostraram que os adolescentes não possuíam informações suficientes para assegurar comportamentos sexuais livres de riscos (OSELKA, 2002; SILVA et al., 2003).

Ao serem questionados sobre as DST que conhecem, as respostas foram variadas e podem ser verificadas a seguir:

"AIDS" (7ª série);
"nenhuma" (7ª série);
"câncer, câncer de mama e outros" (7ª série);
"AIDS, gonorréia, sífilis, herpes genital, crista de galo" (7ª série);
"eu conheço a AIDS e outras" (8ª série);
"AIDS o HIV etc" (8ª série);
"AIDS, sífilis, gonorréia, cancro mole, candidíase" (8ª série);
"todas" (2º ano);
"gonorréia, sífilis, hemorróida" (2º ano);
"herpes, AIDS, seborréia, gonorréia" (2º ano);
"não lembro o nome delas são tão complicados de se falar" (2º ano);

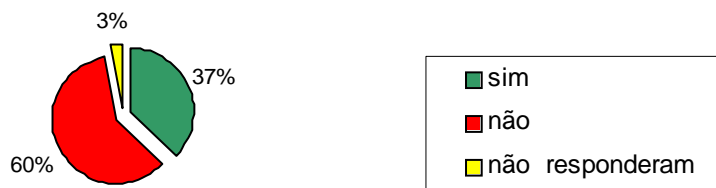
"AIDS" (3º ano);
"herpes e outras que agora não me lembro bem o nome" (3º ano);
"um monte" (3º ano).

Constatou-se que grande parte dos entrevistados conhece apenas a AIDS como doença sexualmente transmissível, alguns desconhecem as DST e outros dizem que sabem de "um monte" mas não as especifica. Percebemos que alguns confundem as DST com outras doenças, e citam doenças que não fazem parte deste grupo, tais como: câncer, câncer de mama, hemorróida e seborréia. Em estudo realizado por KNIJINIK et al. (1990), os estudantes também identificaram como DST outras doenças que não as são, entre outras a caxumba e a piorréia.

Quanto à variável conhecimento sobre medidas preventivas das DST/AIDS, as respostas foram variadas e o método mais citado foi a orientação, seguido do acesso a métodos seguros e alguns responderam que seria evitando o contato sexual.

No que diz respeito à condição sócio-econômica como fator de influência no conhecimento e prevenção das DST, dos entrevistados que responderam a esta questão, 60% acham que a condição sócio-econômica influencia no conhecimento e prevenção das DST, enquanto 37% acham que não influencia (Gráfico 2). De acordo com BRASIL (1998), as questões sociais e econômicas influenciam sobremaneira no aumento da infecção pelo HIV e outras DST, pela falta de acesso aos meios de comunicação, serviços de saúde e aos meios de prevenção.

Gráfico 2- Percentual da opinião dos entrevistados em relação à influência da condição sócio-econômica sobre o conhecimento e prevenção das DST. Goiânia, 2003.



Em relação a reação que os entrevistados apresentariam se fossem contaminados por uma DST, a maioria respondeu que procuraria um médico, alguns afirmaram que contaria aos pais, uma minoria respondeu que faria auto medicação ou contaria a um amigo e nenhum informou que não faria nada. Mesmo sendo a família o grupo social primário e mais importante no que diz respeito à vida do jovem e que deveria ser responsável pela sua formação sexual, porém não é esta a realidade, talvez por falta de estrutura familiar ou mesmo por não saberem como

abordar o assunto com os mesmos (OLIVEIRA et al., 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o conhecimento dos escolares sobre as DST/AIDS observado neste estudo e, a precocidade que os mesmos informaram estarem iniciando as atividades sexuais, sugere-se, o planejamento e implementação efetiva de programas educativos sobre o tema, inclusive que atenda à

questão da anticoncepção, nas escolas do ensino fundamental e médio.

Recomenda-se aos jovens que procurem esclarecer suas dúvidas e resolver seus problemas a respeito da sexualidade e DST por meio de leituras, do diálogo com professores e pais e procurem participar ativamente das atividades educativas organizadas pela escola.

Sugere-se às escolas de ensino fundamental e médio que reservem tempo em seus calendários para realização de atividades sobre o tema, e procurem ampliar as informações para a família. E, aos pais, que mantenham o diálogo com seus filhos sobre assuntos variados, incluindo a educação sexual.

Acredita-se que, a partir do momento que escolas e pais se empenharem conjuntamente na preparação dos jovens sobre a sexualidade, será menor a prevalência de DST entre o grupo.

Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, v. 19, p. 127-133, 2003.

Texto recebido em 20/12/2005
Publicação aprovada em 30/04/2006

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BELO, M. A. V. & SILVA, J. L.P. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. *Rev. Saúde Pública*, v. 38, n.4, p. 479-487, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Prevenir é sempre melhor*. Brasília: Ministério da Saúde, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde sexual: as conseqüências da desinformação* [online]. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.aids.gov.br> [Acesso em 27 ago 2003].

FERREIRA, L. S. M.; GALVÃO, M. T. G.; COSTA, E. S. Sexualidade da Adolescente: Anticoncepção e DST/AIDS. *RBM: Caderno de Ginecologia e Obstetrícia*, v.57, p. 8-19, 2000.

KNIJINIK, J.; BERNARDI, C.; DUNCAN, B. B. et al. Necessidades educativas de jovens sobre doenças sexualmente transmissíveis. *An. Bras. de Dermatol*, v. 65, p. 289-292, 1990.

OLIVEIRA, J. C.; PEREIRA, N.O.; CAMARANO, A. A. et al. Evolução e características da população jovem no Brasil. In: CNPD - Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, v. 1, p. 7-19, 1998.

OSELKA, G. Aspectos éticos no atendimento médico do adolescente. *Rev. Paul. Pediatria* [on line], v.17, p. 95-97, 1999. Disponível: <http://www.sbbioetica.org.br> [Acesso em: 11 nov 2002].

SILVA, C.V.; BRETAS, J. R. S.; FERNANDES, C.N. Conhecimento de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. *Rev Paul Enfem*, v.22, n. 1, p. 12-21, 2003.

TRAJMAN, A.; BELO, M. T.; TEIXEIRA, E. G. et al. Conhecimento sobre DST/AIDS e comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Rio de